

# NELSON RODRIGUES, O FUTEBOL E A IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA

José Luiz A. Ratton Jr.

## *Resumo:*

*Este ensaio aborda uma série de insights sociológicos de Nelson Rodrigues, através da análise de suas crônicas esportivas. A despeito de sua retórica anti-sociológica, a obra do cronista pernambucano é marcada por intuições de corte dessa natureza.*

*Palavras-chave: futebol, imaginação sociológica, sociabilidade, coletivismo, humanismo.*

Doutor em Sociologia, UFPE, professor  
titular de Sociologia na AESO/PE



Muitos anos depois que Lima Barreto, Graciliano Ramos e Oswald de Andrade afirmaram, cada um a seu modo, a indesejabilidade ou a impossibilidade do futebol no Brasil, Nelson Rodrigues provoca: “o intelectual brasileiro que ignora o futebol é um alienado de babar na gravata” (Rodrigues, 1993: 134).

Acredito que a frase acima possa constituir um ideal regulatório para as Ciências Sociais tupiniquins. Não é possível fazer Ciências Sociais no Brasil se ignorarmos o futebol<sup>1</sup>.

Mas a idéia defendida aqui, a partir de Nelson Rodrigues – de que a Sociologia ou as Ciências Sociais brasileiras não podem existir sem considerar o futebol um fenômeno de primeira grandeza neste país – não despertaria sentimentos agradáveis no autor de *Toda nudez será castigada*.

Em crônica datada de 1965, Nelson Rodrigues alerta para o equívoco de querer saber sempre a opinião de sociólogos. Segundo o nosso autor, se quisermos obter uma medida da estupidez humana, devemos dizer cheios de razão: “Burro como um sociólogo. E, de fato, o sociólogo é pior ainda do que o tenor italiano” (Rodrigues, 1994: 96). Na mesma crônica, Nelson Rodrigues compara os sociólogos aos idiotas da objetividade, aqueles que não conseguem ler a realidade além dos seus elementos mais visíveis e aparentes, supostamente objetivos.<sup>2</sup>

Em outra diatribe, o cronista pernambucano afirma, sem medo de errar, que “o sociólogo não se espanta. Se lhe servirem, no jantar, um ensopadinho de abóbora com ratazana, ele não concederá ao fato um único e rele ponto de exclamação” (Rodrigues, 1997: 155).

Não é difícil notar, a partir do que foi dito acima, que nós, herdeiros da tradição de Émile Durkheim, Max Weber e Talcott Parsons nunca fomos muito estimados por Nelson Rodrigues. Talvez só fôssemos mais estimados que os psicanalistas, considerados mais perigosos que os doentes, segundo Nelson (Rodrigues, 1997: 140).

Mas há – tanto quanto eu saiba – uma única e honrosa exceção, um conterrâneo de Nelson Rodrigues tão polêmico quanto ele: Gilberto Freyre. Para Rodrigues, “Gilberto Freyre é o maior de todos os brasileiros”. E afirma que se lhe perguntassem quais são os brasileiros mais inteligentes que conhece, responderia sem pestanejar: “Gilberto Freyre, Gilberto Freyre, Gilberto Freyre” (Rodrigues, 1997: 73)<sup>3</sup>.

Retornando à má reputação desfrutada por todos os sociólogos que não são Gilberto Freyre junto a Nelson Rodrigues, talvez pos-

samos levantar a hipótese de que tal estado de coisas deveu-se ao fato de que, na década de 60, predominavam no campo sociológico idéias marxistas, estruturalistas e funcionalistas. Estas idéias, a despeito de suas profundas diferenças, enfatizam o primado das variáveis estruturais ou sistêmicas sobre o sujeito, o que certamente contraria o dramaturgo pernambucano, que enxergava a humanidade através do indivíduo<sup>4</sup>.

Ou talvez, simplesmente, tenha havido uma transferência da notória repulsa rodrigueana ao marxismo para a sociologia brasileira dos anos sessenta, em que o marxismo ocupava um espaço importante.

Mas, a despeito da retórica anti-sociológica de Nelson Rodrigues, é possível perceber uma série de instigantes *insights* sociológicos na obra daquele autor. Insights estes que revelam uma imaginação sociológica que exerceu influência – mais ou menos reconhecida – sobre as reflexões de pelo menos um importante expoente das Ciências Sociais brasileiras contemporâneas – Roberto da Matta – mas que, a despeito disso, ainda não foram suficientemente exploradas e desenvolvidas neste campo acadêmico.

Segundo Wright Mills (1982: 11), a imaginação sociológica é uma qualidade de espírito que nos capacita a “usar a informação e a desenvolver a razão”, fazendo com que percebamos com lucidez o que ocorre no mundo e o que pode estar ocorrendo dentro de nós mesmos. Permitiria assim, que “compreendêssemos a história e a biografia e as relações entre ambas dentro da sociedade” (*idem*: 12).

Arrisco afirmar que Nelson Rodrigues, mais do que muitos cientistas sociais de ofício, era possuidor de imaginação e sensibilidade sociológicas que permitiram a compreensão do futebol enquanto fenômeno social, muito antes que o futebol se tornasse assunto legítimo de interesse sociológico. É para este ponto que quero dirigir meu foco.

Em um ensaio dedicado a Nelson Rodrigues, Da Matta destila uma série de intuições riquíssimas acerca do futebol brasileiro. Nos diz assim, que no Brasil, através do futebol, pudemos incorporar os símbolos do Estado Nacional (a bandeira, o hino e as cores nacionais) aos nossos valores mais profundos, reapropriando-nos de algo que teria sido mantido durante décadas sob a guarda das elites ou dos militares. Desta maneira, o futebol nos permitiria o patriotismo sem culpa ou vergonha, possibilitando um certo tipo de amor ao Brasil que nos tornaria imunes à “zombaria elitista”. O futebol torna-se, portanto, o veículo para a soma do Estado Nacional com a sociedade brasileira.

O argumento do antropólogo Da Matta estabelece uma interpretação habilidosa de um dos elementos cruciais para a formação do moderno sentimento de nação em nosso país: o futebol, um dos principais traços distintivos da cultura nacional.

Como disse acima, acredito que o autor tenha sido enormemente influenciado, como timidamente admite, pelos argumentos do nosso anti-sociólogo Nelson Rodrigues. Vejamos.

Em uma crônica publicada na Manchete Esportiva em 1958, Nelson Rodrigues exclama, estabelecendo uma clara associação entre a nossa auto-estima enquanto povo e nação e as vitórias da seleção brasileira de futebol:

*Do presidente da República ao apanhador de papel, do ministro do Supremo ao pé-rapado, todos aqui percebemos o seguinte: – é chato ser brasileiro. (...) Já ninguém tem mais vergonha de sua condição nacional. E as moças na rua, as datilógrafas, as comerciárias, as colegiais, andam pelas calçadas com um charme de Joana d'Arc. O povo já não se julga mais um vira-latas. (Rodrigues, 1993: 60).*

Obcecado por certos temas – gostava de uma alcunha que lhe atribuíam: Flor de Obsessão – Nelson Rodrigues voltaria a este assunto várias vezes. Em uma crônica publicada em O Globo, em abril de 1969, na qual defendia com unhas e dentes o esquerdista João Saldanha, Nelson, o auto-intitulado reacionário nos diz, confirmando o argumento de que o futebol e a seleção brasileira são temas de importância nacional:

*(...) há um momento em que todos entendem de futebol e gostam de futebol. É quando está em causa o destino do escrete. Na hora da seleção, até a grã-fina das narinas de cadáver adquire uma súbita clarividência. Podemos dividir os nossos assuntos em 'interessantes' e 'vitais'. Um dos assuntos vitais do Brasil é a seleção.” (Rodrigues, 1993: 142).<sup>5</sup>*

Para o autor de *Vestido de Noiva*, não era possível separar a pátria do escrete, como queria outro cronista de então e de agora: Armando Nogueira (Rodrigues, 1994: 94). Em 1976, novamente no Jornal *O Globo*, a propósito da vitória do Brasil sobre a Itália na final do Torneio do Bi-Centenário da Independência Americana, Nelson reafirma suas convicções da década de 1950 e dá a elas sua formulação mais acabada:

*“O escrete é a pátria em calções e chuteiras. Ele representa os nossos defeitos e as nossas virtudes. Em suma: o escrete chuta por 100 milhões de brasileiros. E cada gol do escrete é feito por todos nós” (Rodrigues, 1994: 179).*

Para Nelson, se há algo que nos identifica uns com os outros, que nos permite afirmar contra os que não são daqui e que nos dá uma sensação de que pertencemos a uma coletividade ou comunidade, é o futebol. Como vimos, o argumento rodrigueano é também o argumento de Da Matta.

Em outro momento do seu soberbo artigo, Roberto da Matta nos convida a pensar sobre o futebol como um código de integração social. Segundo Da Matta o futebol nos ajudaria a transformar uma coletividade altamente dividida internamente em uma coletividade capaz de afirmação através de ação coordenada e eventualmente vitoriosa (Da Matta, 1994: 16).

Novamente, podemos notar enorme similaridade entre os argumentos de Da Matta e as idéias de Nelson Rodrigues. O dramaturgo pernambucano, em um artigo de tom jocosamente proustiano – *À sombra dos criouloes em flor* – publicado em 1969 no jornal *O Globo*, propõe que durante o jogo do desacreditado Brasil contra a poderosa Inglaterra campeã de 1966, no Maracanã, “a cidade suspendeu todos os pecados.” As divisões sociais foram esquecidas: (...) que eu saiba, não houve um único e escasso assalto. Todas as classes, profissões, ideologias, raças e idades juntaram-se no Maracanã” (Rodrigues, 1993: 148).

Muito além do marxismo de seu tempo, Nelson sugere que as divisões sócio-econômicas, políticas, étnicas, etárias – verdadeira análise multidimensional – são transcendidas, mesmo que momentaneamente, pelo futebol. A idéia de Da Matta, de que a coletividade fraturada é colada pelo cimento do futebol, é, assim, antecipada por Nelson Rodrigues, sem os rigores da escrita acadêmica.

Da Matta também afirma que o futebol proporcionaria “ao povo, especialmente o povo pobre e destituído, a experiência da vitória e do êxito” (Da Matta, 1994: 17). Em um país onde as desigualdades sociais são visíveis e persistentes, Da Matta nos adverte que os setores economicamente desfavorecidos adquirem no futebol um conjunto de possibilidades de sucesso que não podem experimentar material e cotidianamente.

O argumento tem um *flavour* inegavelmente rodrigueano. Pois Nelson já nos disse várias vezes, desde o trunfo do Brasil na Suécia

em 1958, que “o escrete dá ao roto, ao esfarrapado, uma sensação de onipotência. (...) De repente, sentimos que o brasileiro deixava de ser um vira-lata entre os homens e o Brasil um vira-lata entre as nações” (Rodrigues: 1997: 151).

Nelson Rodrigues nos proporciona outras intuições sociológicas relevantes. Em um artigo em que discute quem deve ser o companheiro de Pelé na Copa de 1966, o cronista pernambucano critica certa psicanalista que, ao analisar a juventude esquece de analisar o jovem. Adverte-nos, assim, contra o perigo de interpretações metodologicamente coletivistas. De acordo com Nelson, ao não olhar para o indivíduo, o analista da sociedade foca exclusivamente o contexto e esquece do homem. Como se a piscina nadasse e não o nadador (Rodrigues, 1994: 108).

Ao falar do subdesenvolvimento, Nelson Rodrigues adota uma posição curiosa. Pior que o subdesenvolvimento em si mesmo (estamos na esfera da economia) é a atitude subdesenvolvida (agora, na esfera da cultura). O futebol brasileiro, seus jogadores, dirigentes, a crônica esportiva, estariam contaminadas por tal atitude de subserviência cultural.

Nelson Rodrigues estabelece então, um paradigma de crítica cultural anti-etnocêntrico, ao propor-nos que a velocidade no futebol, ao contrário do que se pensa, é burrice. E a lentidão do jogador brasileiro, nada mais é que soberba inteligência. Gérson – capaz de ficar cinco minutos com a bola nos pés e só então fazer um longo e certo lançamento – e Ademir da Guia são os dois maiores exemplos da genial lentidão brasileira. A lentidão seria, assim, o traço cultural distintivo da forma brasileira de se jogar futebol. Cronistas, dirigentes e técnicos brasileiros que, reiteradamente, pregavam que o lento futebol brasileiro deveria aprender com o veloz futebol europeu não passavam de colonizados culturais.

Outros temas não passaram despercebidos a Nelson Rodrigues, torcedor do tricolor das Laranjeiras e *pó-de-arroz* assumido. A importância do negro e do mulato do futebol brasileiro atravessam suas crônicas, reflexo da influência de seu irmão Mário Filho, flamenguista da estirpe de Zé Lins do Rego, como nos lembra Leite Lopes (1994). Leitor de Gilberto Freyre, Rodrigues sofisticava um argumento – que pode ser atribuído tanto a Freyre, quanto a Mário Filho – de que o futebol brasileiro, como o sul-americano, carrega consigo um elemento dionísio, imprevisto, moleque, que o distinguiria dos traços excessivamente apolíneos do futebol europeu<sup>6</sup>. No caso brasileiro, tal elemento dionísio estaria certamente ligado à presença dos negros, elásticos e coreográficos, no nosso futebol<sup>7</sup>.

A consideração de que o ódio é elemento tão relevante para a compreensão da paixão futebolística quanto o amor (Rodrigues, 1997: 165-166), o que nos auxiliaria a entender o sistema de oposições mútuas sobre o qual baseia-se a paixão clubística, e, quiçá, lança possibilidades interpretativas para a compreensão de aspectos do fenômeno das torcidas organizadas, também pode ser indicada como outro dos insights sociológicos seminais de Nelson Rodrigues.

Inúmeras outras antecipações sociológicas certamente podem ser encontradas na visão de Nelson Rodrigues sobre o futebol. Este espaço não permite que as exploremos, por mais breves que sejamos, nem um décimo de suas intuições sociológicas seminais.

Mas acredito ter sido convincente o suficiente para ao menos insinuar, com alguma convicção, que a obra do cronista e dramaturgo pernambucano pode ser compreendida como uma usina de relevantes clarezas de imaginação sociológica, capazes de formar um verdadeiro programa de estudos sobre o lugar do futebol na sociedade brasileira.

E, a despeito da justa indignação de Nelson com os sociólogos do seu tempo, arrisco concluir postulando que as Ciências Sociais brasileiras dos nossos dias, tardia e lentamente, parecem dar menos razão ao autor de *Senhora dos Afogados*. Foi-se o tempo em que Nelson, indignado ao comentar um jogo entre Brasil e Bélgica em 1965, afirma categoricamente que, entre os mais de cem mil presentes no Maracanã, só um brasileiro havia faltado: o sociólogo.



## NOTAS

- <sup>1</sup> Uma das primeiras análises “acadêmicas” sobre o futebol no Brasil, é a de Anatol Rosenfeld, intelectual alemão que escreve importante artigo em 1956 (Rosenfeld, 1993).
- <sup>2</sup> Todas as crônicas e idéias de Nelson Rodrigues examinadas neste texto estão presentes em três livros organizados por Ruy Castro: *A Sombra das Chuteiras Imortais* (1993), *A pátria em Chuteiras* (1994) e *Flor de Obsessão* (1997).
- <sup>3</sup> Entre os psicanalistas também há uma exceção para Nelson Rodrigues: seu grande amigo, Hélio Pellegrino.
- <sup>4</sup> No panorama das Ciências Sociais brasileiras, Gilberto Freyre é um dos pioneiros no estudo do futebol enquanto fenômeno social. Já em 1945, em um livro de introdução à Sociologia, Freyre analisa o futebol de uma perspectiva sócio-antropológica. O fato de prefaciar o importante livro de Mário Filho, *O Negro no Futebol Brasileiro*, ilustra bem o reconhecimento, da parte do sociólogo pernambucano, da importância do futebol como elemento da cultura brasileira.
- <sup>5</sup> A grã-fina das narinas de cadáver é um dos personagens mais notáveis de Nelson Rodrigues. Tal aristocrata teria perguntado, em um jogo de futebol: “quem é a bola?” (Rodrigues, 1993: 142).
- <sup>6</sup> A oposição dionisíaco/apolíneo pode ser identificada com a oposição entre elementos racionais e irracionais.
- <sup>7</sup> A respeito do lugar atribuído ao negro na sociedade brasileira, Nelson Rodrigues realiza uma análise antológica da passeata dos Cem Mil, movimento capitaneado pela esquerda na década de sessenta. Segundo Nelson, em tal passeata, não há nenhum negro, o que evidenciaria o caráter elitista da passeata.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- DA MATTA, Roberto (1994). “*Antropologia do óbvio – Notas em torno do significado social do futebol brasileiro*”, Revista da USP, n. 22.
- FILHO, Mário (1964). *O negro no futebol brasileiro*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- FREYRE, Gilberto (1945). *Sociologia*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora.
- LEITE LOPES, José Sérgio (1994). “*A vitória do futebol que incorporou a pelada – a invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro*”, Revista da USP, n. 22.
- RODRIGUES, Nelson (1993). *A Sombra das Chuteiras Imortais – Crônicas de Futebol*, São Paulo, Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. (1994). *A Pátria em Chuteiras – Novas Crônicas de Futebol*. São Paulo, Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. (1997). *Flor de Obsessão*, São Paulo, Companhia das Letras.
- ROSENFELD, Anatol Rosenfeld (1993). *Negro, Macumba e Futebol*, São Paulo, Perspectiva.
- WRIGHT MILLS, C. (1982). *A Imaginação Sociológica*, Rio de Janeiro, Zahar Editores.

